



AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO SEMI-ÁRIDO
Diagnóstico do Território
do Sertão Central do Ceará- 2004

Peixoto, Socorro Letícia F.

As Relações de gênero no semi- árido: diagnóstico do território do sertão central cearense / Socorro Letícia F. Peixoto, Adriana Paula Gondim de Oliveira, Elizabeth Ferreira da Cruz [et al]. – Fortaleza: Esplar Centro de Pesquisa e Assessoria / Projeto Dom Helder Câmara, 2004.

il..

1. Assentamentos – trabalhadores rurais – Ceará. 2. Agricultura Familiar. 3. Relações de gênero. I. Oliveira, Adriana Paula Gondim de. II. Cruz, Elizabeth Ferreira da. III. Castro, Francisco Márcio Caetano. -

REALIZAÇÃO

ESPLAR – Centro de Pesquisa e Assessoria
Rua Princesa Isabel, 1968-Benfica
CEP:60015-061-Fortaleza-CE
Fone: (85) 252-2410 / Fax: (85) 221-1324
E-mail: esplar@esplar.org.br
Pág. Eletrônica: www.esplar.org.br

Projeto Dom Helder Câmara- PDHC
Rua Francisco Alves, 84-Ilha do Leite
CEP:50070-490-Recife-PE
Fone: (81) 3301-1355 / Fax: (81) 3301-7388
E-mail: projetodomhelder@dom.gov.br
Pág. Eletrônica: www.projetodomhelder.gov.br

EXECUÇÃO: ESPLAR

FACILITADOR/A DAS OFICINAS: Adervan Fernandes e Letícia Peixoto

APOIO DAS OFICINAS: Márcio Caetano e Maria Regilane

TEXTO E ANÁLISE DOS DADOS:

Adriana Gondim

Elizabeth Ferreira

Letícia Peixoto

Márcio Caetano

GRÁFICOS: Ricardo Barros

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: Fernanda Holanda

REVISÃO GERAL: Lena Saraiva, Marcus Vinícius e Magnólia Said

TEXTO FINAL: Letícia Peixoto

PROJETO GRÁFICO: Alfredo Junior

IMPRESSÃO: Expressão Gráfica

FOTOS: Arquivos ESPLAR/ADITAL

ÍNDICE

As organizações	6
Apresentação	7
Um lugar no semi-árido chamado Sertão Central	8
Os assentamentos que fazem parte do Território	9
O caminho percorrido	10
Perfil Sociodemográfico	
- Faixa Etária	12
- Estado Civil	13
- Escolaridade	14
- Situação Agrária – Relação com a terra	15
Divisão Sexual do Trabalho	
- Atividades Produtivas Agrícolas / Pecuárias	18
- Atividades Produtivas Não-Agrícolas	20
- Atividades Reprodutivas	22
Participação Política	24
Acesso ao Crédito, Assistência Técnica e Comercialização	28
Saúde Sexual e Reprodutiva	
- DSTs e AIDS	30
- Fecundidade e Contracepção	32
- Saúde da Mulher	34
Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	38



AS ORGANIZAÇÕES

ESPLAR – CENTRO DE PESQUISA E ASSESSORIA

O ESPLAR é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1974, que atua no semi-árido cearense, desenvolvendo atividades voltadas para o fortalecimento da agricultura familiar. Sua missão é *contribuir na construção de novos modelos de desenvolvimento local, integrado e sustentável, com foco na agricultura familiar, fundamentado na agroecologia, na equidade de gênero e apoiado em políticas públicas, fortalecendo a autonomia dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e a construção de uma sociedade justa e democrática.*

PROJETO DOM HELDER CÂMARA

O Projeto Dom Helder Câmara - PDHC - é um programa de ações referenciais para o desenvolvimento sustentável do semi-árido do Nordeste do Brasil. O PDHC tem como objetivo fortalecer processos locais, participativos e solidários de construção social, dos assentados(as) e agricultores(as) familiares, em parceria com entidades envolvidas no desenvolvimento territorial, na perspectiva da convivência com o semi-árido, gerindo recursos sociopolíticos, ambientais, culturais, econômicos e tecnológicos. Busca também garantir a inserção competitiva, não subordinada, e o empoderamento de assentadas(os) e agricultoras(es) familiares na formulação, implementação e controle social de políticas públicas.

PROJETO DOM HELDER CÂMARA NO CEARÁ

No Ceará, as ações do PDHC são desenvolvidas no chamado Território 1, localizado na Região do Sertão Central. Esse território compreende áreas de assentamentos de Reforma Agrária e comunidades de agricultura familiar localizados nos municípios de Quixadá, Quixeramobim, Choró e Banabuiú.



APRESENTAÇÃO

O ESPLAR – Centro de Pesquisa e Assessoria, em parceria com o Projeto Dom Helder Câmara - PDHC, apresenta este caderno como resultado de um diagnóstico, ou seja, de um estudo sobre as relações de gênero, nas áreas de assentamentos de Reforma Agrária de atuação do Projeto Dom Helder no território do Sertão Central do Ceará.

Nossa intenção é que este caderno seja um instrumento que possibilite reflexões e debates junto às entidades da sociedade civil organizada (ONGs, sindicatos, associações, dentre outras), organizações governamentais e principalmente junto aos assentados e assentadas, para a construção de um desenvolvimento sustentável pautado em relações igualitárias entre homens e mulheres no campo.

O QUE SÃO RELAÇÕES DE GÊNERO?

A partir da observação e conhecimento das **diferenças sexuais**, as pessoas na sociedade, criam idéias sobre o que é masculino e o que é feminino. Com isso, se estabelecem também as idéias de como deve ser a relação entre homem e mulher, entre as mulheres e entre os homens. Essas relações são chamadas de **relações de gênero**.

"Tornar-se mulher ou tornar-se homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em determinada sociedade, em determinado momento histórico".



O QUE É TERRITÓRIO ?

Ultimamente, esta palavra **território** tem estado bem presente nas discussões pelo Brasil afora. Ações governamentais e políticas públicas têm sido pensadas a partir dessa nova abordagem territorial. No Ministério do Desenvolvimento Agrário existe a Secretaria de Desenvolvimento Territorial.

MAS, AFINAL, O QUE SIGNIFICA TERRITÓRIO?

Território é um espaço geográfico onde se estabelecem relações sociopolíticas entre a população e as instituições existentes no lugar. O território é também um espaço em que diferentes ações interagem no local, respeitadas as especificidades de cada lugar.



UM LUGAR NO SEMI-ÁRIDO CHAMADO SERTÃO CENTRAL

O território do Sertão Central do Ceará compreende os municípios de Quixadá, Quixeramobim, Choró e Banabuiú. Esses municípios contam com uma população total de 157.063 habitantes, sendo que 44% estão localizados na zona rural. A área geográfica do território é de 7.382,9 km².

Esta região é caracterizada por um clima quente e seco, com chuvas irregulares que se concentram num período de 3 a 5 meses e determinam dois períodos diferentes: chuvoso e seco (ou de estiagem). De um modo geral, o período chuvoso tem início em dezembro e se estende até março. A irregularidade dessas chuvas dá-se também na distribuição geográfica, ou seja, há uma desigualdade no volume de chuvas entre lugares diferentes.

A vegetação típica da região é a caatinga, composta por plantas xerófilas, vegetais adaptados a regiões secas.

As culturas agrícolas predominantes no território são: feijão, milho e algodão. As principais espécies animais criadas são aves, bovinos, caprinos e ovinos. O extrativismo da carnaúba, do carvão vegetal e da lenha, momentaneamente têm sido considerado uma atividade desenvolvida por agricultores e agricultoras do território.



OS ASSENTAMENTOS QUE FAZEM PARTE DO TERRITÓRIO

O foco das ações do Projeto Dom Helder se dá junto a famílias de assentados/as da Reforma Agrária e/ou junto a comunidades de agricultura familiar. Veja a seguir os assentamentos e o número de famílias assistidas pelo PDHC no território do Sertão Central.

TERRITÓRIO DO SERTÃO CENTRAL

MUNICÍPIO	ASSENTAMENTO	N. DE FAMÍLIAS
QUIXERAMOBIM	Muxuré Velho	60
	Florestan Fernandes	51
	Vista Alegre	18
	Conquista da Liberdade	63
	Recreio	42
	Caraíbas	80
	Parelhas	51
	Santa Elisa	131
QUIXADÁ	Alegre	35
	Boa Vista	31
	Olivença Palmares	59
	Iracema	53
CHORÓ	Campo Alegre	18
	Ouro Branco	71
	Fonte Nova/Beija Flor	12
	Pião	29
FEIJÃO	Feijão	60
BANABUIÚ	Boa Água/Trapiá	72
TOTAL	18	1087





DICIONÁRIO DE PESQUISA

METODOLOGIA: é a maneira de como se faz um estudo, uma pesquisa e/ou uma investigação sobre determinado assunto.

ANÁLISE QUALITATIVA: é o estudo de determinado assunto, levando em conta, por exemplo, as questões dos valores, dos significados das coisas.

ANÁLISE QUANTITATIVA: é o estudo de determinado assunto, levando em conta, por exemplo, o número de vezes que alguma questão se repetiu.

O CAMINHO PERCORRIDO

Este diagnóstico teve como objetivo identificar e analisar as relações de gênero entre trabalhadores e trabalhadoras rurais, no contexto do semi-árido cearense, mais precisamente, em áreas de assentamentos de Reforma Agrária e comunidades de agricultura familiar que configuram o denominado **Território 1 - Sertão Central** – área de atuação do Projeto Dom Helder Câmara, no Ceará.

O processo de investigação das relações de gênero pressupõe um olhar sobre as ações vividas por homens e mulheres, levando em conta seu contexto, sua complexidade e as relações de poder entre esses homens e essas mulheres. Neste diagnóstico, apesar das informações serem coletadas de forma quantitativa e qualitativa, fizemos a opção por uma análise qualitativa das informações. Trabalhamos com grupos mistos de homens e mulheres, representantes dos assentamentos nos quais o Projeto Dom Helder Câmara atua, no Ceará. O interesse da pesquisa foi selecionar um determinado grupo e compreendê-lo como uma unidade, considerando seu contexto, suas inter-relações e a sua dinâmica cotidiana.

Participaram da pesquisa 33 trabalhadores rurais e 65 trabalhadoras rurais de áreas de assentamentos de Reforma Agrária dos municípios de Banabuiú, Quixadá e Choró que compreendem o Território 1 do PDHC.

Além das representações dos assentamentos, participaram, como público informante, algumas pessoas das organizações e entidades sociopolíticas existentes no Território, com a intenção de reconhecê-los e fortalecê-los como sujeitos políticos atuantes na Região.

Inicialmente, fizemos um levantamento de informações secundárias do Território, ou seja, realizamos uma pesquisa em documentos, diagnósticos e censos que já existiam e que caracterizavam o Território.

Para obtermos as informações e os dados realizamos oficinas que contribuíram também para reflexão entre os/as participantes, sobre os seus saberes, experiências, e suas condições de vida.

A mobilização dos/as assentados/as para as oficinas foi realizada pela equipe do ESPLAR, com o apoio de técnicas e técnicos de campo das entidades parceiras, de líderes sindicais do Território e das associações dos assentamentos.

Ressaltamos que, apesar das oficinas serem realizadas com grupos mistos, houve momentos em que homens e mulheres trabalhavam separadamente. Os questionários sobre saúde também foram aplicados separadamente. A proposta de oficina foi única para todos os municípios. Foram realizadas cinco oficinas com assentados/as e duas com as lideranças do território.

No decorrer de cada oficina, utilizamos as seguintes técnicas com os respectivos objetivos:

- 1- Jogo do Censo para identificar o perfil sociodemográfico do grupo e promover a integração entre participantes;
- 2- Matriz da Divisão Sexual do Trabalho para identificar as tarefas realizadas por homens e mulheres distintamente em relação às atividades produtivas, reprodutivas e comunitárias relacionadas à organização política e comunitária dos/as assentados/as;
- 3- Matrizes para coletar informações sobre o acesso ao crédito, assistência técnica e o processo de comercialização; e
- 4- Aplicação de questionários para a coleta de informações sobre a saúde dos homens e das mulheres.



**Quando falamos de matriz,
estamos falando de um instrumento
de visualização, como quadros e
tabelas, em que colocamos
informações**





Perfil Sociodemográfico

O perfil sociodemográfico refere-se à descrição das características das pessoas participantes das oficinas, no que diz respeito à idade, estado civil, escolaridade e outras informações, como mostramos a seguir.

Faixa Etária

Este diagnóstico envolveu mulheres e homens com concentração na faixa etária entre 20 e 60 anos. Há uma predominância de pessoas adultas entre 20 e 39 anos. 58% de mulheres estão nesta faixa etária, enquanto o número de homens representa 55%.

Gráfico 1 - Faixa etária das mulheres

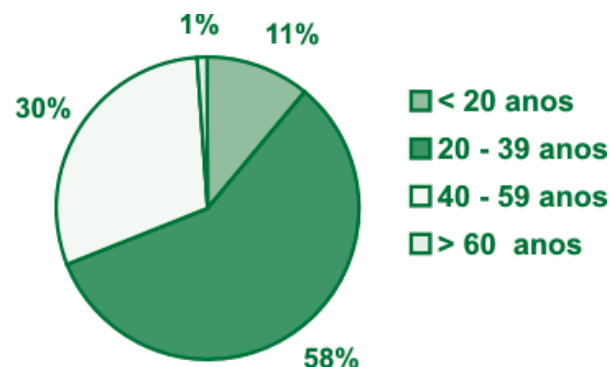
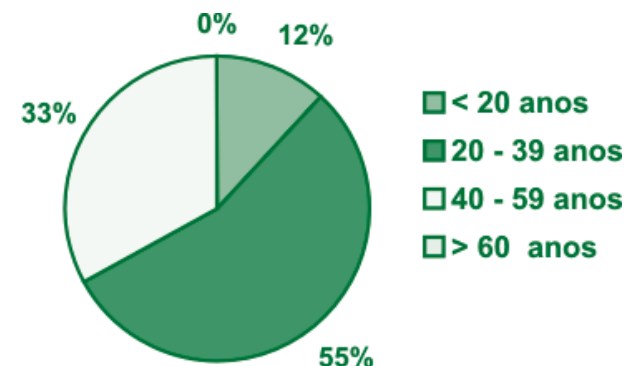


Gráfico 2 - Faixa etária dos homens



Um pouquinho de matemática ...

Porcentagem ou percentagem é uma parte proporcional calculada sobre uma quantidade de 100 unidades. O símbolo da percentagem é %, que significa 'por cento'. Assim: 50% (cinquenta por cento) é a mesma coisa que 50 de um total de 100.

Estado Civil

Com relação ao estado civil, as pessoas entrevistadas, na sua maioria, são casadas e ou vivem juntas. Dos homens presentes nas oficinas, a maior concentração é de casados (70%), em contraposição a 65% do total de mulheres. O percentual de homens solteiros (27%) é equivalente a um número de mulheres (28%) havendo 6% de mulheres separadas e 1% de viúvas.

Gráfico 3 - Estado civil das mulheres

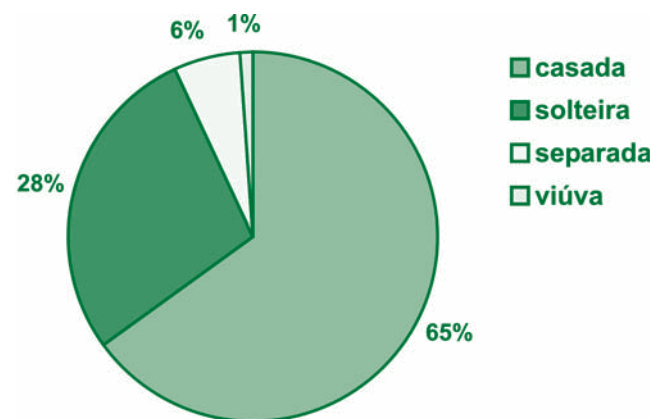
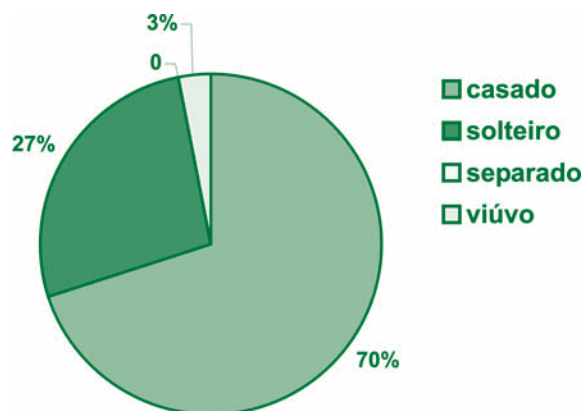


Gráfico 4 - Estado civil dos homens





Converse em grupo:

- Quem são mais escolarizados no seu assentamento: os homens ou as mulheres?
- Existe escola no seu assentamento ? Em que condições ela funciona?

Escolaridade

No aspecto da escolaridade identificamos um percentual alto de mulheres analfabetas, 21%. Já os homens, 11%, não sabem ler, nem escrever. 53% dos homens cursaram ou estão cursando o ensino básico (entre 1ª e 4ª séries), tendo seu nível de escolaridade mais concentrado em relação a 33% das mulheres. Ao contrário do ensino básico, no ensino fundamental (entre 5ª e 8ª séries) as mulheres são maioria, 30% em comparação a 11% dos homens. No ensino médio, os homens também são mais escolarizados, sendo um total de 25%, em comparação a apenas 16% de mulheres. Ao contrário do Censo de 2000, em que as mulheres no Brasil são mais escolarizadas que os homens, constatamos, no levantamento dos dados, que os homens são mais escolarizados que as mulheres.

Gráfico 5 - Escolaridade das mulheres

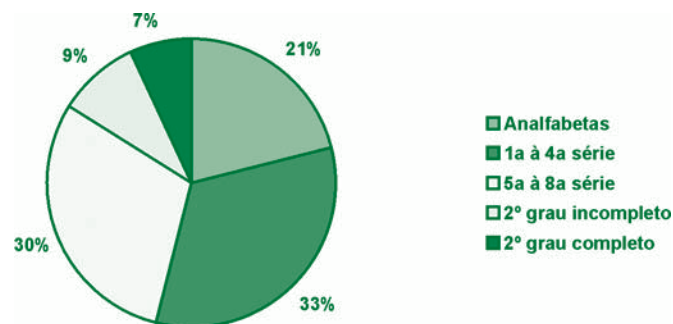
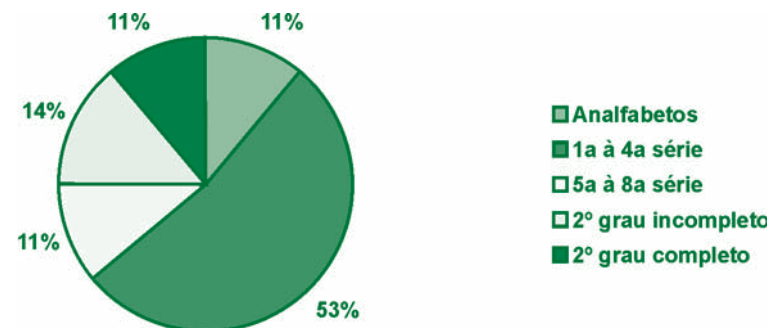


Gráfico 6 - Escolaridade dos homens





Situação agrária - Relação com a terra

Considerando a situação agrária das pessoas presentes, 95% das mulheres se identificam como assentadas, enquanto 5% se dizem agregadas. Dos homens, 89% se identificam como assentados e 11% como agregados.

Mesmo sendo essas mulheres assentadas, as relações de posse, o acesso e o controle da terra têm sido desiguais com relação aos homens. Algumas mulheres têm acesso e até a posse da terra, mas têm baixíssimo controle.

Para saber mais...

Como conquista da luta das mulheres trabalhadoras rurais, hoje é obrigatório que o cadastramento em áreas de assentamentos de Reforma Agrária seja feito em nome do casal, ou seja, do homem e da mulher.

Questão de cidadania:

Muitas mulheres não são cadastradas como titulares de terras porque não têm os documentos pessoais e profissionais.

Participe da **CAMPANHA NENHUMA TRABALHADORA RURAL SEM DOCUMENTOS!**

A Campanha de Documentação é uma ação do MMTR-NE - Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste em parceria com as comissões e coletivos de mulheres do movimento sindical, apoiada pelo Projeto Dom Helder Câmara. Tem como um de seus objetivos principais proporcionar documentação às mulheres nos territórios atendidos pelo Projeto.



Atividades Produtivas e Atividades Reprodutivas

As atividades produtivas são aquelas que, ao serem realizadas, produzem bens de consumo e serviços, em troca de uma remuneração.

As atividades reprodutivas são, geralmente, realizadas no espaço doméstico e incluem as tarefas necessárias para assegurar a manutenção e a reprodução das pessoas da família e, conseqüentemente, da força de trabalho.



Divisão Sexual do Trabalho¹

A divisão sexual do trabalho refere-se às atividades exercidas distintamente por homens e mulheres na sociedade, de acordo com a cultura e o modo de vida de cada época e lugar. Essas atividades podem ser tanto produtivas como reprodutivas.

Geralmente, as atividades reprodutivas são realizadas por mulheres e são menos valorizadas pela sociedade do que as atividades produtivas que geram renda e são realizadas fora de casa, tanto por homens como por mulheres. Muitas vezes, não há um reconhecimento do trabalho desenvolvido pelas mulheres.

Desse modo, podemos concluir que a sociedade atribui valor às atividades de acordo com o sexo de quem as realiza. Percebemos assim, que a divisão sexual do trabalho tem contribuído para manter a posição de hierarquia dos homens em relação às mulheres, destinando-as a um lugar de subordinação.

¹ Obs: As perguntas sobre a divisão sexual do trabalho têm respostas múltiplas, ou seja, algumas pessoas responderam SIM a várias perguntas. Nesse sentido o referencial de 100% é de cada pergunta e não do todo dos gráficos.



No meio rural, como mostram os gráficos 7 e 8, tanto os homens como as mulheres, em maior ou menor quantidade, participam de todas as atividades, superando, assim, a separação entre produção e reprodução e entre as esferas do público (fora de casa) e privado (dentro de casa). No entanto, percebemos a concentração de mulheres ou de homens em determinadas tarefas, de acordo com os papéis masculinos e femininos que desempenham. Por exemplo, os homens concentram-se mais nas atividades produtivas agrícolas, ou seja, nas atividades relacionadas com a lavoura e a pecuária, diferente das mulheres que participam mais nas atividades produtivas não agrícolas e nas atividades reprodutivas.

Gráfico 7 - Atividades realizadas por mulheres

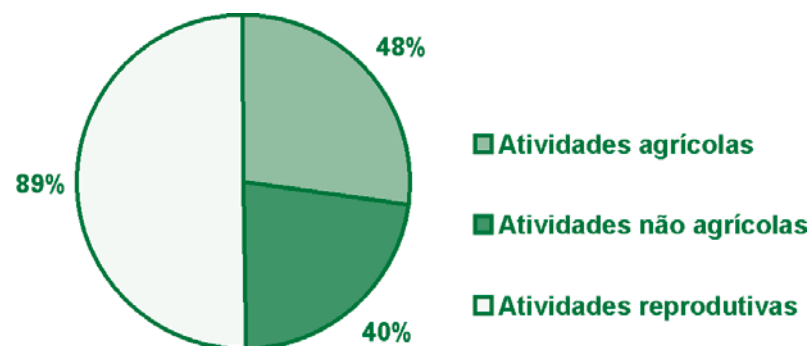
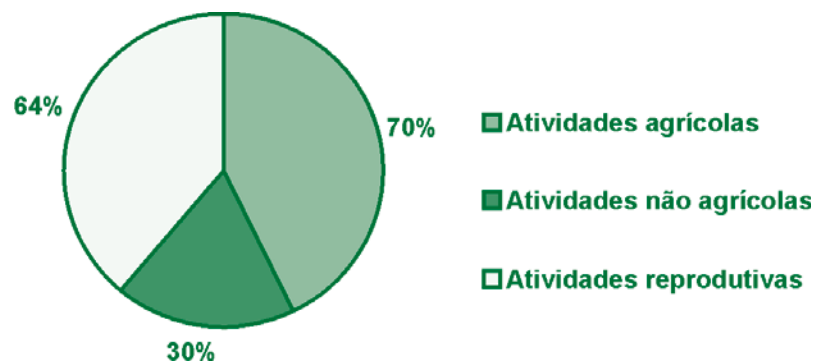


Gráfico 8 - Atividades realizadas por homens



Converse em grupo:

- Por que o trabalho das mulheres é menos valorizado que o dos homens?
- Por que as mulheres, muitas vezes, não se reconhecem como trabalhadoras rurais?
- O trabalho que as mulheres fazem na agricultura é diferente do trabalho dos homens?





Atividades Produtivas Agrícolas/Pecuárias

Apesar de, rotineiramente, as mulheres trabalharem mais do que os homens, uma vez que elas executam tanto dos trabalhos produtivos como reprodutivos, como mostram gráficos 9 e 10, ainda persiste o "mito" da incapacidade física das mulheres, onde são consideradas mais frágeis para as atividades que exigem um maior esforço físico. Percebemos que nas atividades de broca e destoca, por exigir uma maior força física, as mulheres ocupam um contingente de apenas 20% em contraposição aos homens, com 80%.

Gráfico 9: Atividades produtivas agrícolas/pecuárias realizadas por mulheres

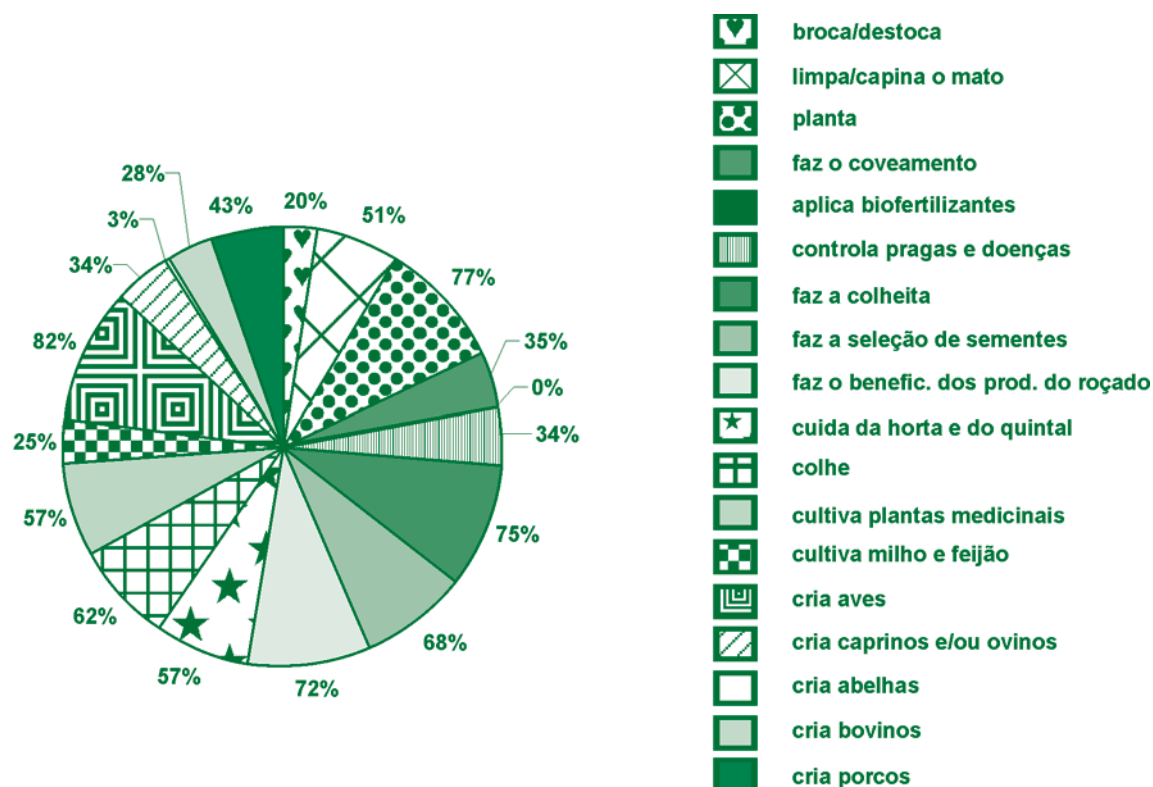
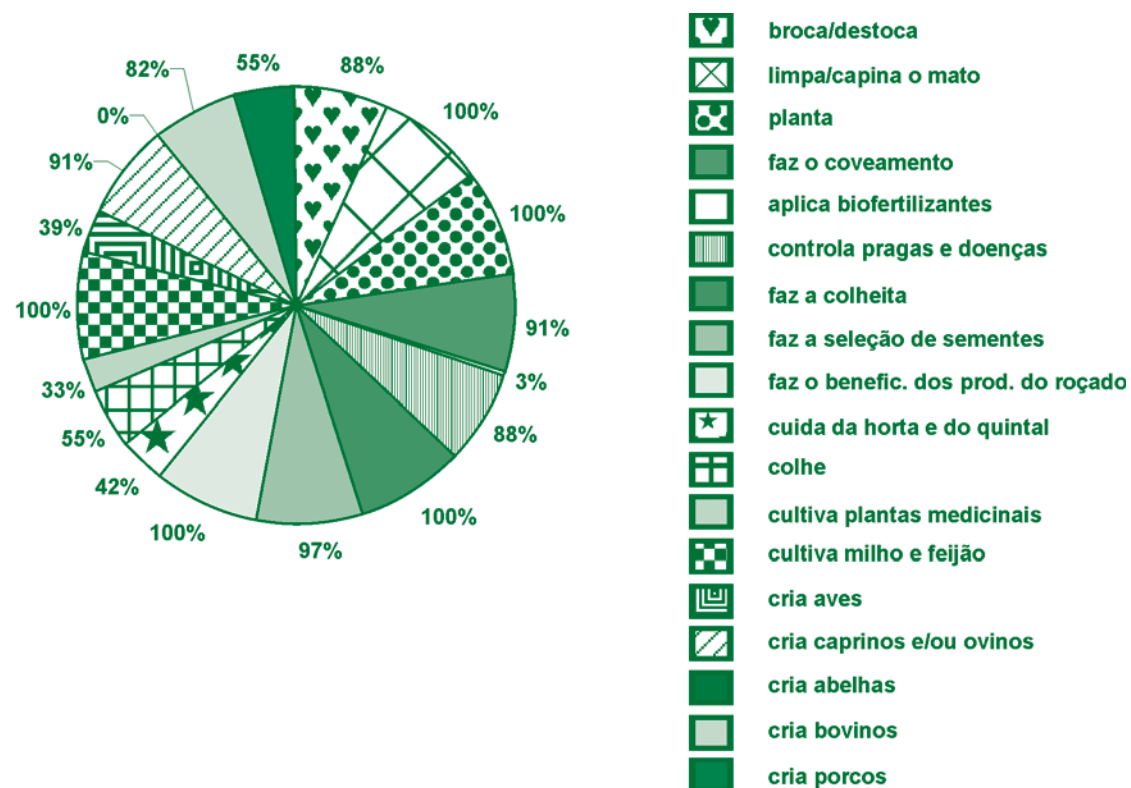


Gráfico 10 - Atividades produtivas agrícolas/pecuárias realizadas por homens





Atividades Produtivas Não-Agrícolas

Quanto às atividades produtivas não-agrícolas, conforme os gráficos 11 e 12, mais uma vez, revela-se a reprodução dos papéis definidos como masculinos ou femininos, a partir da distinção de tarefas feitas por homens ou mulheres. Na confecção de artesanatos e na feitura de doces, as mulheres aparecem em maior quantidade, diferentemente da construção de cisternas, em que o percentual masculino (80%) é bem maior que o percentual de mulheres 6%.

Gráfico 11 - Atividades produtivas não agrícolas realizadas por mulheres

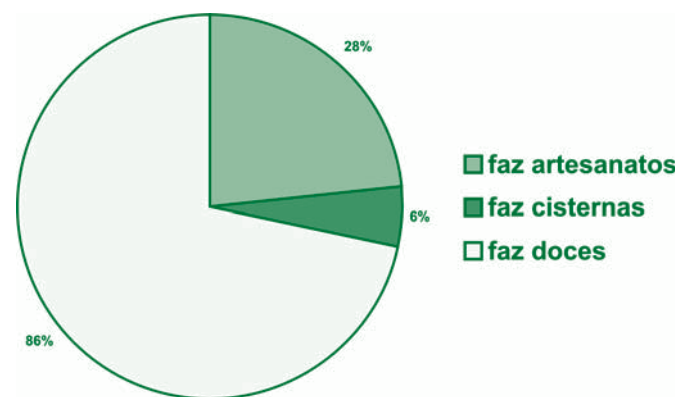
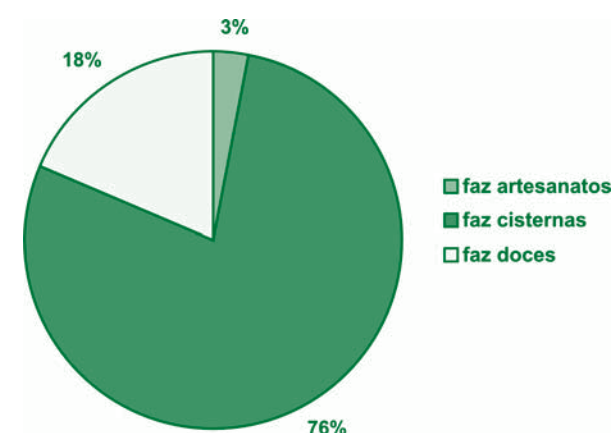


Gráfico 12 - Atividades produtivas não agrícolas realizadas por homens





"Uma mulher queria se inscrever para a capacitação da construção das cisternas, mas na reunião todos "mangaram" dela, e o marido não deixou ela ir porque ele não ia com ela. Muitos dos que riam diziam que ela era mulher e a construção das cisternas não era coisa pra mulher, ela não ia aprender."

(Fala de uma das mulheres assentadas que participou de uma das Oficinas)

Converse em grupo:

- O que é trabalho pesado e o que é trabalho leve?
- Que tipo de trabalho exige mais do corpo?
- Que tipo de trabalho exige mais da mente?





Atividades Reprodutivas

Apesar de algumas mudanças na vida das mulheres, as atividades denominadas reprodutivas ainda são, na sua maioria, de responsabilidade feminina. Associada ao mundo doméstico e considerada de menor valor, essa atividade ainda é considerada de responsabilidade das mulheres, consolidando-se, assim, a dupla jornada de trabalho delas. O relato de uma das assentadas reforça essa realidade:

"A gente trabalha em casa e ainda vai ajudar na roça. À noite, eles vão assistir televisão e a gente continua fazendo as coisas."

Enquanto que as mulheres desenvolvem diariamente as atividades reprodutivas, os homens só as desenvolvem, na maioria das vezes, por ocasião da ausência delas em casa.

A partir do detalhamento das atividades reprodutivas, identificamos que a participação das mulheres é total (100%) nas seguintes atividades: cozinhar, arrumar a casa, lavar e passar roupas. As mulheres (98%) também disseram ser responsáveis pelo cuidado das crianças, dos doentes e pela compra de utensílios domésticos. Confirma-se com esses dados, que, assim como a maternidade, algumas funções estão vinculadas à identidade feminina, como: o cuidado com a casa e com a família, como expressa a fala de uma assentada:

"O pai se responsabiliza menos do que a mãe. Tem homem que não quer fazer comida".

Os gráficos seguintes mostram o detalhamento das atividades reprodutivas, assim como a distribuição de ocupação entre os homens e as mulheres.

Gráfico 13 - Atividades reprodutivas realizadas por mulheres

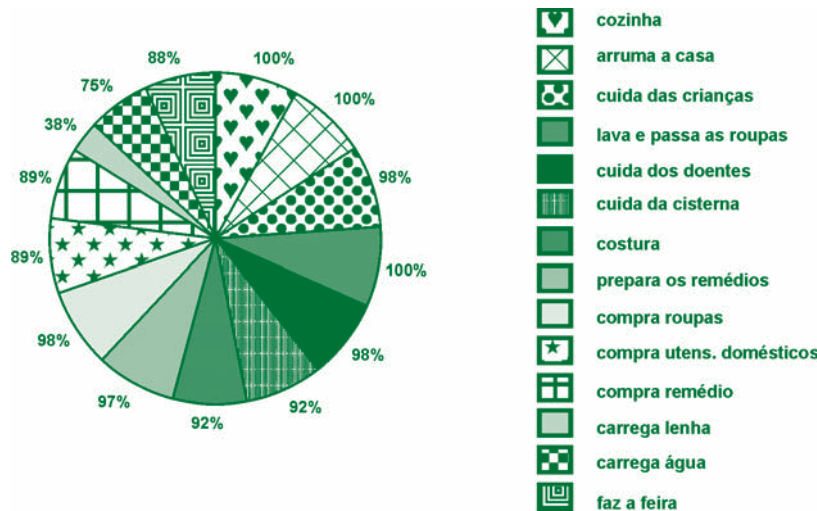


Gráfico 14 - Atividades reprodutivas realizadas por homens

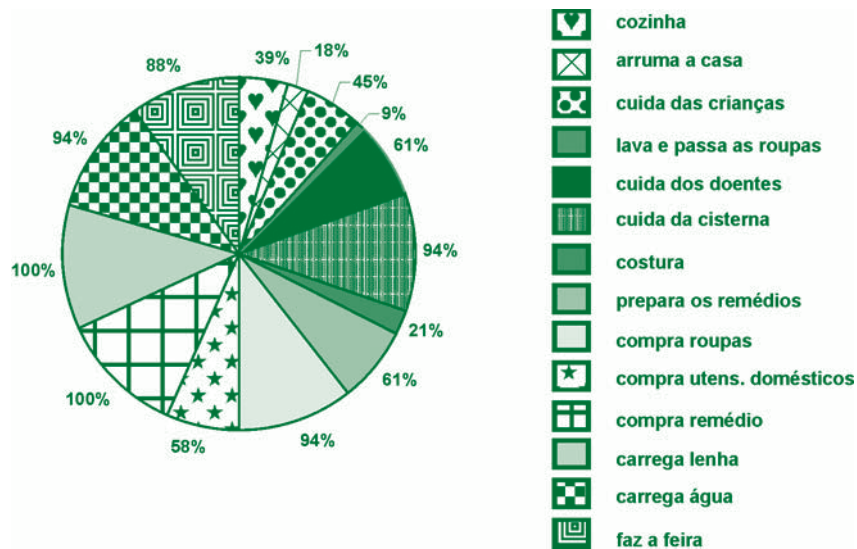


Gráfico 15 - Mulheres associadas às organizações

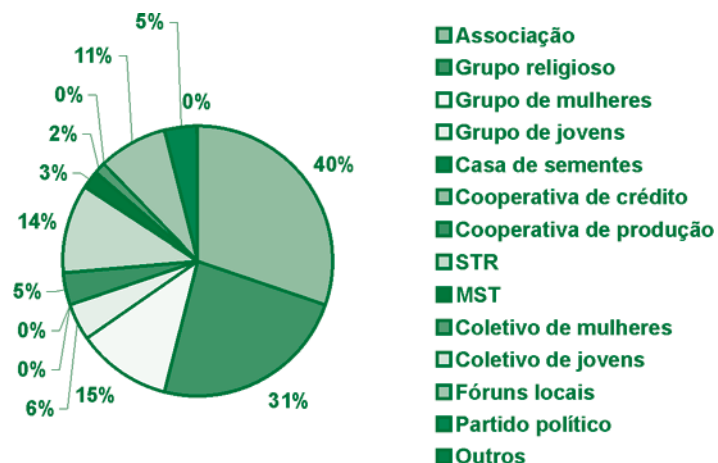
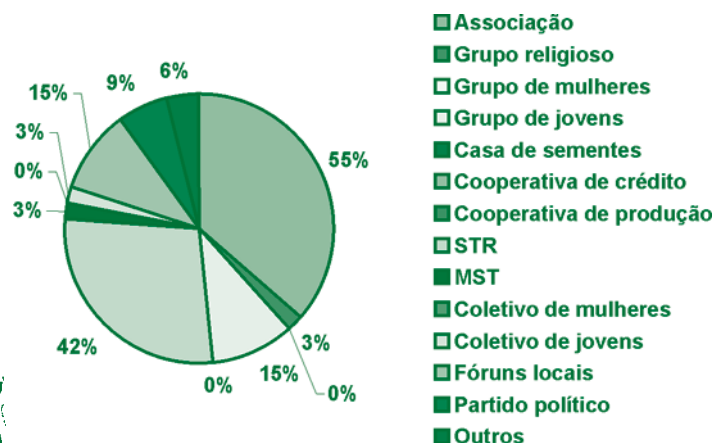


Gráfico 16 - Homens associados às organizações



² Obs: As perguntas sobre participação política têm respostas múltiplas, ou seja, algumas pessoas responderam SIM a várias perguntas. Nesse sentido, o referencial de 100% é de cada pergunta e não do todo dos gráficos.

Participação Política²

Participar é:

- tomar parte;
- exercer o poder de tomar decisões que atingem e influenciam os grupos de pessoas
- construir e responsabilizar-se pelas soluções tomadas.

Consideramos importante destacar, nessa pesquisa, como se dá a participação de mulheres e homens nos seus espaços de vida social e política, isto é, na comunidade, no assentamento, no município e no território.

Em relação à participação política dos/as trabalhadores/as rurais como sócios/as das organizações sociais, constatamos neste estudo, um maior percentual de homens associados às organizações, como mostram os gráficos 15 e 16, com exceção da participação no grupo religioso, onde o número de mulheres é de 15% enquanto a participação de homens é de apenas 3%. O número de homens associados ao Sindicato de Trabalhadores Rurais é de 42% contra apenas 14% de mulheres.

Nas associações, os homens também são maioria (55%), apesar de um número significativo de mulheres associadas (40%). A elevada participação de mulheres e homens nas associações deve-se ao fato de ser esse um espaço de organização onde pautam-se questões do cotidiano das famílias assentadas, nos seus vários aspectos - produtivo, político, social, cultural e econômico - apresentando, assim, uma maior proximidade com as carências, necessidades e desejos mais imediatos da comunidade.

Outro fator que tem contribuído para uma participação mais efetiva das mulheres nas associações é o fácil acesso, pois as associações são geralmente próximas de suas casas



CONVERSE EM GRUPO:

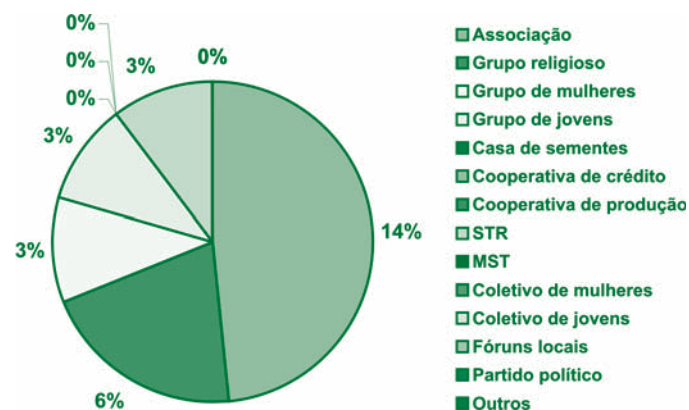
- Em quais organizações estão os agricultores e as agricultoras? Como fazem suas escolhas?
- Como se dá a participação de homens e mulheres nas organizações? Existe diferença? Por que será?

NAS ASSOCIAÇÕES:

- Os horários das reuniões nas associações são negociados por homens e mulheres?
- Nas reuniões da associação, são respeitadas as falas de todas as pessoas presentes?



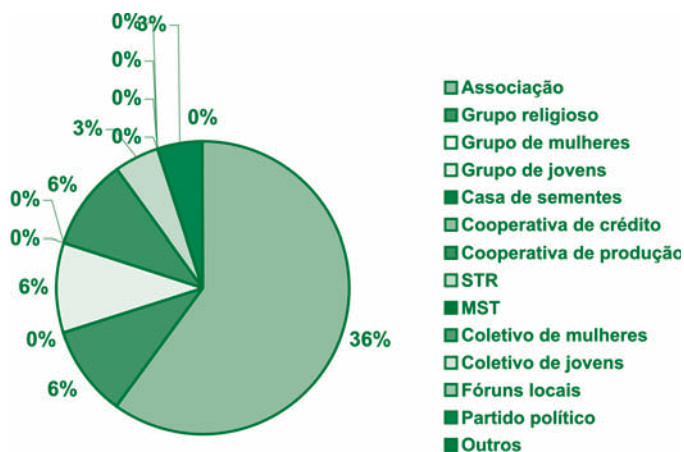
Gráfico 17 - Cargos ocupados por mulheres nas organizações



Vimos que existe uma grande diferença na participação de mulheres e homens nas organizações. Essa diferença fica mais acentuada quando identificamos que, na ocupação de cargos, as mulheres ficam fora dos espaços públicos de decisão. Identificamos, como mostram os gráficos 17 e 18, que apenas 14% de mulheres ocupam cargos na associação do assentamento.

Apesar do reduzido número de assentados/as que ocupam cargos nos sindicatos de trabalhadores rurais, o número homens é igual ao de mulheres, 3%. É possível que esse equilíbrio se explique pelo fato do movimento de mulheres ter conquistado a cota de participação que faz parte dos princípios de ação afirmativa das mulheres, como forma de corrigir as desigualdades historicamente construídas, em que as oportunidades de participação das mulheres nos espaços públicos é inferior a dos homens.

Gráfico 18 - Cargos ocupados por homens nas organizações





Geralmente, os cargos ocupados pelas mulheres são os que delegam menor poder decisório e maior trabalho operacional, como secretaria, suplência, comissões e outros. Ainda que as mulheres tenham conquistado os espaços de decisões nos sindicatos de trabalhadores rurais, sua participação política se dá com grandes dificuldades. Na maioria das vezes, há uma resistência dos homens que, de alguma forma, isolam as mulheres das decisões ou desqualificam sua atuação. Muitos homens ainda acham que lugar de mulher é "só" dentro de casa.

O movimento de mulheres, através das suas lutas e conquistas históricas, tem favorecido às mulheres, a conquista de espaços políticos que antes eram ocupados, em sua maioria, por homens. A organização política das trabalhadoras rurais é fundamental para transformar uma realidade desigual e opressora muito comum no campo.

Converse em Grupo:

- É importante a organização política dos trabalhadores e trabalhadoras rurais? Por que?
- Que dificuldades são encontradas para exercer a participação?
- Essas dificuldades são vividas da mesma forma por homens e mulheres?



Gráfico 19 - Produtos Comercializados por mulheres

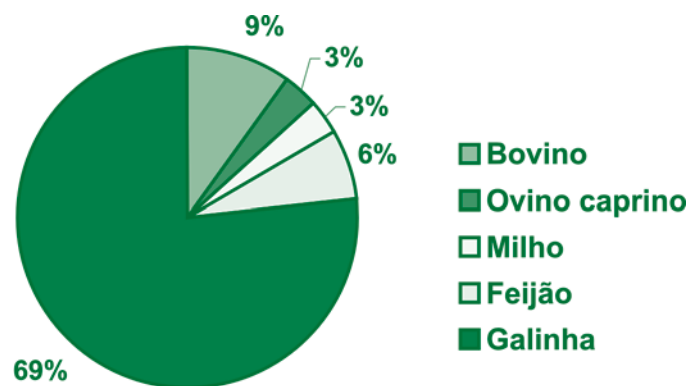
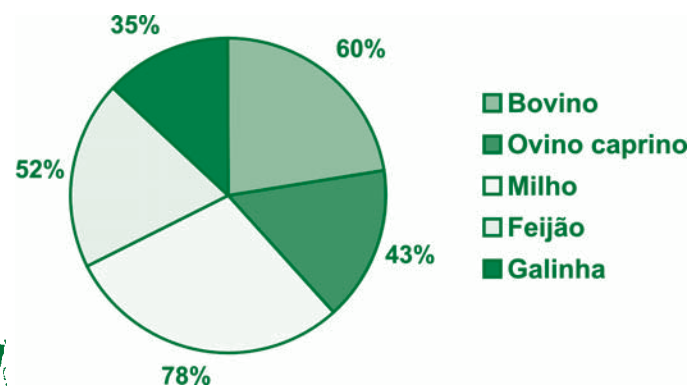


Gráfico 20 - Produtos Comercializados por homens



Obs: As perguntas sobre os produtos comercializados por homens e mulheres têm respostas múltiplas, ou seja, algumas pessoas responderam SIM a várias perguntas. Nesse sentido, o referencial de 100% é de cada pergunta e não do todo dos gráficos.

Acesso ao crédito, assistência técnica e comercialização

Em relação ao acesso ao crédito, aparece, mais uma vez, o predomínio masculino, ou seja, o crédito é geralmente acessado pelos homens. Identificamos 6% de mulheres beneficiadas com financiamento e 39% de homens que já acessaram algum tipo de crédito. Essa situação pode ser atribuída ao fato das mulheres não terem o título da terra, agravada pelo fato de que as instituições de crédito não as reconhecem como produtoras e não confia na sua capacidade de gerir uma proposta de produção

No que se refere à assistência técnica, a posição de subordinação das mulheres no campo também se revela quando 60% dos homens são assistidos em relação a 22% de mulheres.

Os principais produtos comercializados pelos/as agricultores/as nas áreas de assentamento são: a carne bovina, os ovinos e caprinos, o milho, o feijão e a galinha. De acordo com os gráficos 19 e 20, na comercialização, há uma participação significativamente maior dos homens. Primeiro, porque esta se dá em locais públicos como feiras, depois por envolver habilidades ditas masculinas como os processos de negociação e controle e gestão financeira do dinheiro arrecadado. De acordo com os gráficos abaixo, a participação maior das mulheres só ocorre na venda de galinhas 69%.



Saúde sexual e reprodutiva³

A forma como mulheres e homens lidam com a questão da saúde, as responsabilidades e atribuições de cada um/a no âmbito da família, o modo como vivenciam a sexualidade e a vida reprodutiva são determinados a partir da dimensão de gênero. Desse modo, um dos aspectos que mais reflete a estrutura desigual das relações de gênero é a saúde reprodutiva e sexual, especialmente por ela estar relacionada à dimensão da sexualidade.

Homens e, principalmente, mulheres sofrem as conseqüências da forma de organização das relações de gênero. Para os homens, há o descuido com sua saúde. A idéia de que são fortes e resistentes muitas vezes leva a que não tenham uma ação preventiva. Em relação à saúde reprodutiva, as representações sobre a sexualidade masculina leva-os a atitudes de risco para com as DSTs e a AIDS. Esta atitude acaba, muitas vezes, recaindo para aquelas mulheres que se consideram protegidas dessas doenças apenas pelo casamento e pela fidelidade conjugal.

Os dados do diagnóstico trazem elementos interessantes nesse campo e que podem ajudar na reflexão. No campo da saúde reprodutiva e sexual, as questões abordadas foram as seguintes: DSTs - Doenças Sexualmente Transmissíveis; fecundidade e contracepção e saúde da mulher.



3 Obs: As perguntas sobre saúde sexual e reprodutiva têm respostas múltiplas, ou seja, algumas pessoas responderam SIM a várias perguntas. Nesse sentido, o referencial de 100% é de cada pergunta e não do todo dos gráficos.



Gráfico 21 - Informações sobre DSTs e AIDS respondidas por mulheres

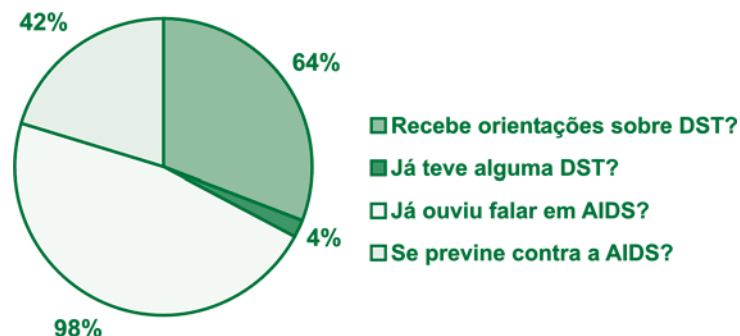
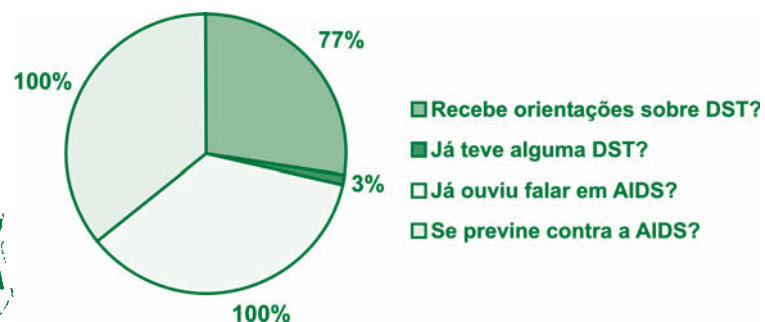


Gráfico 22 - Informações sobre DSTs e AIDS respondidas por homens



DSTs - Doenças Sexualmente Transmissíveis

As DSTs, em especial, a AIDS, têm várias e sérias implicações na vida de mulheres e homens. No que se refere especificamente à AIDS, um elemento importante é o crescimento constante do número de mulheres afetadas - em especial, mulheres pobres e sem acesso à informação ou serviços que garantam formas de prevenção, além das dificuldades de assistência médica.

Analisando os gráficos 21 e 22, podemos perceber como homens e mulheres lidam, de forma diferente, com estas questões.

No que se refere ao acesso à informação, 77% dos homens disseram receber orientação sobre DSTs, enquanto que, com as mulheres, este percentual cai para 64%. Em relação a ter contraído DSTs, os percentuais são bem próximos: 3% dos homens e 4% das mulheres responderam positivamente.



Quando se trata especificamente da AIDS, os dados apresentados chamam nossa atenção. São semelhantes os percentuais quando perguntamos se mulheres e homens já ouviram falar de AIDS - 98% das mulheres e 100% dos homens disseram que sim. No entanto, quando perguntados/as se fazem prevenção contra a AIDS, 100% dos homens disseram que sim, e apenas 42% das mulheres disseram fazer o mesmo.

Porém, quando cruzamos estas informações com as respostas sobre os métodos contraceptivos utilizados pela pessoa entrevistada ou por seu/sua parceiro/a, somente 19% das mulheres e 57% dos homens disseram usar a camisinha - que é o único método seguro de prevenção à AIDS. Há, portanto, uma contradição nas respostas, especialmente por parte dos homens. Se apenas pouco mais da metade destes e menos de 20% das mulheres disseram que seu parceiro usa camisinha, então não há prevenção.

Esta situação, por sua vez, analisada do ponto de vista da dimensão de gênero, aumenta a condição de vulnerabilidade das mulheres rurais às DSTs e à AIDS, uma vez que incentiva a substituição do preservativo pela confiança conjugal.

Em relação à sexualidade, nossa cultura nos coloca a idéia de que os homens devem vivê-la em completa liberdade, justificada principalmente pela noção de uma sexualidade incontrollável como parte da natureza masculina. Nas mulheres, predomina uma visão de que estas devem ter uma sexualidade mais "contida", exigindo-se inclusive um maior "controle" sobre suas vidas.

As diferentes representações de gênero e a desigualdade de poder e de liberdade entre mulheres e homens têm implicações diretas no acesso aos direitos sexuais, dificultando sua efetivação especialmente para as mulheres rurais, que não conseguem vivê-los como "prática de liberdade". Sem acesso à informação, sem acesso a serviços de saúde de qualidade, sem poder de decisão, não apenas sobre seu corpo, mas sobre sua própria vida, há poucas possibilidades de prática de liberdade para as mulheres agricultoras.

O QUE SÃO DIREITOS SEXUAIS?

Os direitos sexuais se referem ao direito das pessoas de viverem sua sexualidade de forma livre e digna, escolhendo o que desejam ou não fazer com o seu corpo, decidindo como, quando e com quem ter relações sexuais. Inclui também o direito à uma educação sexual ampla e sem preconceitos, o acesso à informação e aos meios necessários para viver esta sexualidade de forma saudável, livre e prazerosa.

CONVERSANDO SOBRE AIDS

- Onde a AIDS deve ser discutida?
- Por que os homens se protegem mais do que as mulheres?
- Como deixar de correr o risco de pegar AIDS?



VOCÊ SABIA QUE ...

De acordo com Censo Demográfico de 2000, do IBGE, nas últimas décadas a taxa de fecundidade das mulheres brasileiras vem caindo continuamente - de 5,8 filhos/as por mulher em 1970 para 2,8 em 1991. No entanto, ela ainda é considerada relativamente alta quando se trata da população mais pobre. A fecundidade está relacionada ao planejamento familiar, que por sua vez inter-relaciona-se com os direitos reprodutivos.

O QUE SÃO DIREITOS REPRODUTIVOS?

Os direitos reprodutivos baseiam-se no reconhecimento do direito básico das pessoas de decidirem livre e responsavelmente sobre se desejam ou não ter filhos/as, sobre o número de filhos/as que querem ter, quando os/as querem ter e com que frequência. Incluem ainda o direito à informação, à educação e aos meios necessários para manterem essa decisão



Fecundidade e Contracepção

Quanto à fecundidade, os dados do diagnóstico mostram que apesar do maior percentual de mulheres (40,5%) ter um número pequeno de filhos/as - de 1 a 3 - ainda há um percentual grande de mulheres com mais de 6 filhos/as (35,7%). Vale destacar que, entre aquelas com um número menor de filhos/as, predominam as solteiras.



Analisando os dados do diagnóstico, podemos perceber que, pelo menos com este grupo, o acesso aos direitos reprodutivos é limitado. Quando perguntados/as sobre que tipo de orientação em relação à saúde, as pessoas recebem, apenas 48% das mulheres e 49% dos homens disseram receber alguma orientação sobre planejamento familiar.

De acordo com os gráficos 23 e 24, os dados sobre métodos contraceptivos também são indicadores, e há diferenças significativas entre as respostas de mulheres e homens.

Gráfico 23 - Métodos contraceptivos utilizados por mulheres ou seu parceiro

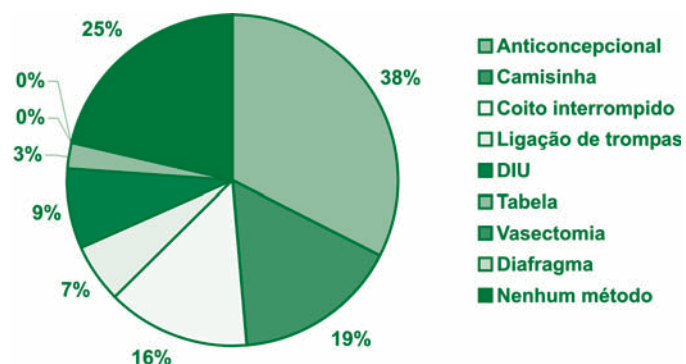
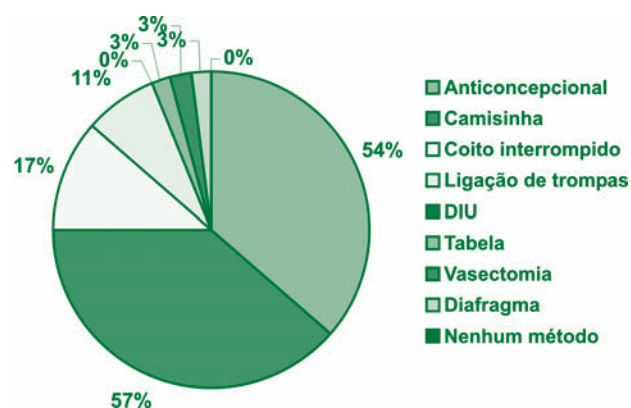


Gráfico 24 - Métodos contraceptivos utilizados pelos homens ou sua parceira





Segundo as mulheres, o método mais utilizado é o anticoncepcional, tendo sido citado por 38% das mulheres. Este é o segundo método mais citado pelos homens (54%), vindo em primeiro lugar a camisinha (57%). Esta, no entanto, foi citada apenas por 19% das mulheres. Mesmo alternando de lugar, estes parecem ser os métodos mais utilizados por homens e mulheres.

Um número significativo de mulheres, 25%, disse não utilizar nenhum método, sendo que, entre os homens, apenas 9% disse não usar qualquer método contraceptivo.

Saúde da Mulher

Apesar do atendimento à mulher ser um dos pontos principais de atenção do PSF - Programa Saúde da Família e do PACS - Programa de Agentes Comunitárias/os de Saúde, o atendimento ainda tem se mostrado ineficiente, pois a prioridade é para mulheres gestantes e não para todas as mulheres. Daí podemos deduzir que o verdadeiro foco não é a "mulher", mas sim a "criança". Na verdade, o atendimento especial à mulher no primeiro trimestre de gravidez visa, ao fim, prevenir a mortalidade infantil nos primeiros meses de vida da criança.

De acordo com as entrevistas, das mulheres que já engravidaram, 86% fez pré-natal. Problemas na gestação foram indicados por 22% das mulheres. No entanto, 26% disse já ter feito aborto - o que pode significar que um percentual maior de mulheres teve problemas durante a gravidez ou que parte desses abortos foram provocados.

Em relação à prevenção de câncer de colo uterino, um número expressivo, 35% disse nunca ter feito o exame. Entre aquelas que fazem o exame, a periodicidade é insatisfatória - 18% disse ter feito o exame apenas uma vez e 23% disse não saber a periodicidade com que faz o exame.

Gráfico 25 - Mulheres que fizeram exame de prevenção por estado civil

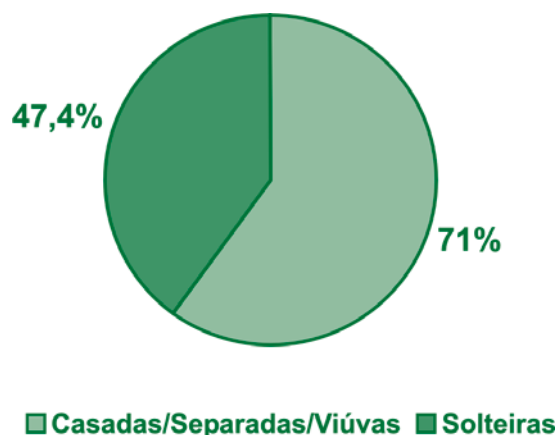


Gráfico 26 - Frequência de exames de prevenção por estado civil (Casadas/Separadas/Viúvas)

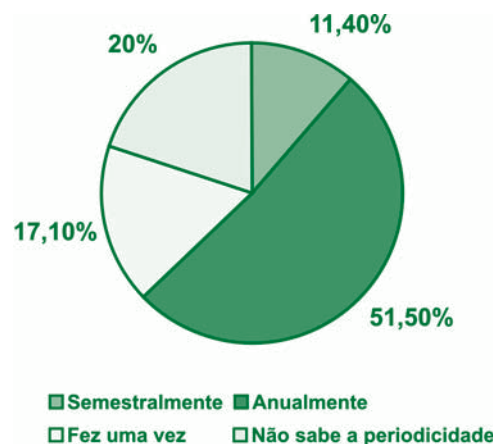
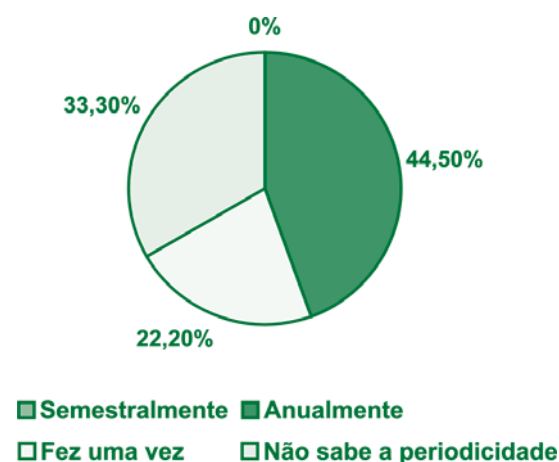


Gráfico 27 - Frequência de exames de prevenção por estado civil (Solteira)



CONVERSE EM GRUPO

- É bom olhar para o corpo? Que sensação temos?
- Cuidar do corpo tem a ver com cuidar das emoções?
- A auto-estima das mulheres e a sua segurança tem alguma coisa a ver com cuidar do corpo?

Como demonstra o gráfico 25, os percentuais mudam quando se trata de mulheres solteiras. Destas, apenas 47,4% disse já ter feito exame, enquanto com as mulheres casadas este percentual é de 71,5%. É maior também entre as mulheres solteiras o percentual de quem só fez o exame uma vez ou não sabe a periodicidade - 55,5%.

No que se refere à saúde reprodutiva e sexual, os dados apresentados demonstram que as mulheres são as mais prejudicadas com a forma como são construídas as relações de gênero. As normas e valores sociais que orientam a construção da identidade e subjetividade são determinantes da forma como as mulheres lidam com o desejo, com a sexualidade e com o corpo. Este (o corpo) torna-se um desconhecido, sendo percebido como um lugar de impureza e que deve ser escondido - até de si mesma. Isto leva as mulheres a terem medo e vergonha de conhecerem e mostrarem seu corpo.



E os homens?

- Os homens cuidam do seu corpo?
- Os homens têm informações sobre a prevenção do câncer de Próstata? Como lidam com isso?



Considerações finais

As informações e dados expostos neste Diagnóstico traduzem a realidade em que vivem homens e mulheres nas áreas de assentamentos de Reforma Agrária no semi-árido cearense.

Percebemos, a partir dos resultados das temáticas abordadas neste estudo, que as relações de gênero no meio rural ainda são marcadas por processos de discriminação e opressão dos homens sobre as mulheres.

Assim, apesar da ascensão e luta dos movimentos de mulheres, do esforço da garantia da transversalidade de gênero nos programas governamentais e não-governamentais, ainda falta muito o que fazer. A sociedade ainda é marcada por uma cultura patriarcal, em que códigos, valores e condutas estruturam a forma de sentir, pensar e viver de homens e mulheres.

Transformar as relações de gênero exige perseverança, ação e criatividade, compreendendo o tempo, o lugar e as condicionalidades objetivas e subjetivas que orientam e conduzem as relações entre homens e mulheres. Fica para todas e todos nós o desafio de a partir dessas informações e dados, contribuímos para essa transformação, pois a promoção do desenvolvimento humano e sustentável do semi-árido passa impreterivelmente pelo desenvolvimento de relações de igualdade entre homens e mulheres.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Ma. das Graças. Companheiras de luta ou "coordenadoras de painéis"?: as relações de gênero nos assentamentos rurais. Brasília:UNESCO, 2000.347p.

ABRAMOVAY, Ricardo; BEDUSCHI FILHO, Luiz Carlos. Desafios para a gestão territorial do desenvolvimento sustentável no Brasil. In: I FÓRUM INTERNACIONAL TERRITÓRIO, DESENVOLVIMENTO RURAL E DEMOCRACIA. [CD-ROM]. Fortaleza: [s.n.], 2003.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Referências para o desenvolvimento territorial sustentável. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável/ Condraf, Núcleo de estudos agrários e Desenvolvimento Rural/ NEAD, 2003. 36p. (Textos para discussão, 4)

BUARQUE, Cristina. A ação de Gênero do Projeto Dom Helder Câmara - PDHC. Revista As Agricultoras - Gênero no Projeto Dom Helder Câmara. Recife, Pe, p.3-4. mar. 2003.

CRUZ, Elizabeth Ferreira. Projeto Mulheres Rurais e Cidadania: ação educativa em direitos sexuais e reprodutivos. Fortaleza: [s.n.], 2004.(Mimeogr.).

_____. Relatório do Curso sobre as Relações de Gênero - Projeto: Casas de Sementes. Fortaleza: ESPLAR, julho 2000.

DANTAS, Conceição; MONTEIRO, Janete (org.) Mulheres e Semi-árido: diagnóstico de gênero do território de Apodi. Mossoró: Centro Feminista 8 de Março, 2003.

CARRASCO, Cristina. A Sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres?. In:FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (org.). A Produção do viver: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003. p. 11-49. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Gênero, políticas públicas e cidadania, 7).

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. Gênero e desigualdade. São Paulo: SOF, 1997. O Que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. p. 9-29. (Cadernos Sempreviva,1)

FRANCH, Mônica et. al. Ajuste estrutural, pobreza e desigualdades de gênero: um caderno feminista de informação e reflexão para organizações de mulheres. Recife: Iniciativa de Gênero e SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2001.154p.

FRANÇA, Débora Bispo de França; ROCHA, Maria Cleia (org.). Relações de gênero no contexto da agricultura familiar: diagnóstico do território do sertão Sergipano. Aracaju: Centro Dom José Brandão de Castro, 2004.

GOUVEIA, Taciana. Muito trabalho e nenhum poder marcam as vidas das agricultoras. Observatório da Cidadania Relatório 2003: População pobre versus mercado . Rio de Janeiro, RJ, n. 7, p. 44-9, 2003.

GOUVEIA, Taciana; PORTELLA, Ana Paula. Políticas Sociais de Saúde: uma questão de gênero?. Recife: SOS Corpo, Gênero e Cidadania, 1999.

GOUVEIA, Taciana; CAMURÇA, Sílvia. O que é gênero? um novo desafio para a ação das mulheres trabalhadoras rurais. Recife: MMTR/DED/SOS Corpo Gênero e Cidadania, 1995.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000.

JELLIN, Elizabeth. Mulheres e direitos humanos. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, RJ,n.3, 1994.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Agricultura familiar: sustentabilidade ambiental e igualdade de gênero. In: PERSPECTIVAS de Gênero: debates e questões para as ONGs. Recife: GT de Gênero - Plataforma de Contrapartes NOVIB/ SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2002. p. 138-161.

PEIXOTO, Socorro Letícia F. Relatório do Curso sobre Relações de Gênero para Dirigentes dos STRs da Região do Sertão Central - Projeto Mulheres Poder e Cidadania. Fortaleza: ESPLAR, novembro 2002.

_____. Trabalhadoras rurais lutam pelo direito a ter direitos. As Agricultoras - Gênero no Projeto Dom Helder Câmara. Recife, PE, p.5-6, mar. 2003.





PORTELLA, Ana Paula et al. Sexualidade e reprodução: perspectiva de homens e mulheres. [online] Disponível na Internet: <www.soscorpo.com.br>.

PROJETO DOM HELDER CAMARA. Ações do projeto Dom Helder câmara. Informativo Trimestral do Projeto Dom Helder Camara. Recife, PE, dez. 2003.

RABAY, Glória et al. Mulher, pobreza e teimosia: as mulheres nos assentamentos da reforma agrária no semi-árido do Cariri Paraibano - diagnóstico sócio-econômico. João Pessoa: Centro da Mulher 8 de Março e Cunhã Coletivo Feminista, Março 2004.

Rede Feminista de Saúde. Mulher e AIDS: enfrentando as desigualdades. 1º de dezembro - dia Internacional de luta contra a AIDS. São Paulo: Rede Feminista de Saúde, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e Patraiarcado. [s.n.t.].(mimeogr.).

SANTOS, Graciete; ALMEIDA, Marli de. As Relações de gênero na agricultura familiar: diagnóstico do Pajeú . Recife: Casa da Mulher do Nordeste, 2003.

Secretaria Estadual de Saúde. Sistema de Informações Ambulatoriais. [online]. Disponível na Internet: www.ipece.ce.gov.br.

SCHNEIDER, Sergio. Desenvolvimento rural regional e articulações extra regionais. In: I FÓRUM INTERNACIONAL TERRITÓRIO, DESENVOLVIMENTO RURAL E DEMOCRACIA. [CD-ROM]. Fortaleza: [s.n.], 2003.

YANNOULAS, Sílvia Cristina. Dossiê políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho. [s.l.]:CFEMEA/FIG-CIDA,2002.